

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ANNE CAROLINE SANTOS DA SILVA**

**AXIXÁ: DOS PRIMÓRDIOS À EMANCIPAÇÃO**

São Luís  
2015

**ANNE CAROLINE SANTOS DA SILVA**

**AXIXÁ: DOS PRIMÓRDIOS À EMANCIPAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura.

Orientadora: Prof. Dr. Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

São Luís  
2015

**ANNE CAROLINE SANTOS DA SILVA**

**AXIXÁ: DOS PRIMÓRDIOS À EMANCIPAÇÃO**

Aprovada em: 11/06/2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão

---

Marize Helena de Campos  
Universidade Federal do Maranhão

A Deus, pelo dom da vida e sabedoria. Sem ele a razão de nossas atitudes representaria palavras lançadas ao vento que não esperam jamais serem ouvidas.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que no transcorrer dos dias souberam cativar minha admiração pela paciência em algumas vezes aceitar minha ausência, devido as atribuladas atividades acadêmicas.

Aos professores e mestres pelas experiências compartilhadas ao longo do curso.

Aos colegas de turma, pelas experiências vividas e alegrias compartilhadas.

E, sobretudo, a Deus, que me iluminou, abençoou e caminhou ao meu lado, fazendo desta experiência um aprendizado espiritual de grande valia.

## RESUMO

Apresenta a evolução política e administrativa do município de Axixá, marcada por anexações e desmembramentos. Mostra as transformações econômicas e sociais. Aborda os aspectos de natureza cultural, que se apresentam de forma diversificada no município.

**Palavras-chave:** Município; Axixá; Evolução.

## ABSTRACT

It presents the political and administrative evolution of the municipality of Axixá, marked by annexation and dismemberment. It shows the economic and social transformations. It addresses the cultural aspects, which are presented in a diversified way in the city.

**Keywords:** Town; Axixá; Evolution.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Árvore Axixá que deu origem ao nome da cidade	21
FIGURA 2. Prefeito Delarei Cardoso Nunes	24
FIGURA 3. Prefeito Oton Melo de Almeida	24
FIGURA 4. Prefeita atual Roberta Maria Gonçalves Barreto	25
FIGURA 5. Relação dos vereadores eleitos em Axixá	26
FIGURA 6. Brasão de Axixá	27
FIGURA 7. Localização de Axixá	29
FIGURA 8. Rio Munim: palco da história de Axixá	31
FIGURA 9. Unidade Escolar Dr. Paulo Ramos no povoado Veneza	34
FIGURA 10. Laboratório de informática da Escola Municipal Maria Ferreira	34
FIGURA 11. Biblioteca Municipal Professora Paula Marques de Almeida	34
FIGURA 12. Posto de Saúde no povoado Santa Maria	35
FIGURA 13. Boi de Axixá durante apresentação no São João	36
FIGURA 14. Boi Mocidade Axixaense	41
FIGURA 15. A lendária Pedra do Tanque	45
FIGURA 16. A igreja matriz Nossa Senhora da Saúde	48
FIGURA 17. O cantor e compositor axixaense Manequinho	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>AXIXÁ E SEU PROCESSO HISTÓRICO: a colonização e a formação</b>	12
2.1	Os primeiros povoadores	20
<b>2.2</b>	<b>Aspectos administrativos e políticos</b>	22
<b>3</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO</b>	29
4.1	Atrativos naturais	30
4.2	Atividades Econômicas	31
4.3	Transportes e comunicações	33
4.4	Serviços	33
<b>4</b>	<b>ASPECTOS CULTURAIS</b>	36
4.1	Os folguedos	36
4.2	Lendas	44
4.3	Culinária	46
4.4	Artesanato	46
4.5	Festas religiosas	47
4.6	Manifestações artísticas	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	50
	<b>REFERÊNCIAS</b>	51
	<b>ANEXOS</b>	53

Silva, Anne Caroline Santos

Axixá: dos primórdios à emancipação / Anne Caroline Santos da Silva. – São Luís, 2015.

43f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, 2015.

1. Axixá 2. Município 3. Evolução histórica I. Título

CDU 981.21

## 1 INTRODUÇÃO

Axixá é conhecida nacionalmente não somente pela sua cultura, representada pelas lindas toadas do bumba meu boi, mas também por inúmeras outras raízes culturais, naturais e humanas.

Uma cidade pacata, abençoada por Deus e regada pelas próprias mãos do criador, que seduz pelas belas paisagens e por um cordial tratar dos filhos seus.

Localizada as margens do rio Munim, assim se encontra Axixá, uma próspera cidade, que já foi palco de importantes e históricos acontecimentos desde sua origem, quando ainda era uma pequena vila acolhendo portugueses e franceses, os quais vivenciaram na região a grande batalha de Guaxenduba.

Assim, o objetivo desta monografia é fazer uma abordagem histórica, geográfica, política e sociocultural do município de Axixá, visando servir de subsídios para estudos de toda a comunidade local e demais pesquisadores. Para demonstrar esta tese, organizo a monografia em cinco partes.

Para isso, lançamos mão de materiais impressos como livros, revistas, artigos e jornais que destacam a trajetória histórica do município de Axixá e para complementar a pesquisa fizemos um trabalho de campo, no qual através de observação, do ouvir falar e da vivência no terreno pesquisado contribuíram para a produção deste trabalho.

Começo com a trajetória da colonização axixaense, que surgiu a partir da batalha de Guaxenduba entre portugueses e franceses.

No capítulo seguinte, mostro a trajetória político-administrativa de Axixá, marcada por um longo período de anexações e desmembramentos.

No quarto capítulo, faço um apanhado das transformações econômicas e sociais do município de Axixá. E, para encerrar, disponibilizo um capítulo sobre os aspectos culturais.

## **2 AXIXÁ E SEU PROCESSO HISTÓRICO: a colonização e a formação**

No século XV, uma Europa necessitada de mercadorias leva Portugal a enfrentar os mares na busca de um caminho para as Índias, pois o que mais lhe interessava no momento era a quebra do monopólio das cidades italianas que dividiam com os árabes o controle da rota comercial do Mediterrâneo. Inicia-se o momento das Grandes Navegações. A queda de Constantinopla em 1453 e o fechamento da rota terrestre por onde passavam os produtos vindos do Oriente é o sinal verde.

Portugal inicia sua conquista explorando o Atlântico sul à procura de uma nova rota para o rico comércio com o Oriente. Logo nos primórdios do século XV, Portugal conquistou Ceuta (1415), entreposto comercial localizado na África, dando início ao que ficou conhecido como Périplo Africano.

Ao longo do século, foram chegando a diversos outros pontos e a muitas ilhas do litoral africano, até que Bartolomeu Dias conseguiu contornar o Cabo das Tormentas, no extremo sul da África, assim conhecido porque o local era considerado perigoso e existiam muitas lendas sobre a presença de monstros e tormentas que impediam a passagem por mar. Depois desse feito, passou a se chamar Cabo da Boa Esperança. Com o caminho aberto, Vasco da Gama chegou a Calicute, na Índia, em 1498. O sonho tornava-se realidade. O objetivo principal estava alcançado: a rota atlântica das especiarias e artigos do Oriente. Os lucros obtidos com a venda de especiarias foram tão fantásticos para a coroa portuguesa que motivaram outras viagens para consolidar as posições conquistadas.

Logo em seguida às navegações portuguesas, a Espanha também lançou-se à procura de uma rota marítima para as especiarias. Acreditava poder chegar às Índias pelo Ocidente, baseada na tese de que a terra era redonda. O que não se sabia era que havia um continente no meio desse caminho. Em 12 de outubro de 1492, Cristovão Colombo, navegador genovês, a serviço da Espanha, chegou à América. Convencido de ter chegado às Índias, chamou os habitantes americanos de índios. A partir de 1519, a viagem imaginada por Colombo foi realizada e ampliada por Fernão Magalhães.

Ansiosos por garantir suas conquistas nas terras do Novo Mundo, Portugal e Espanha, com a intermediação do papa Alexandre VI, assinaram o Tratado de Tordesilhas<sup>1</sup>, em 1494. Pelo tratado, as terras descobertas e por descobrir que ficassem à oeste da linha imaginária de Tordesilhas, pertenciam à Espanha. As que ficassem à leste, seriam de Portugal. De acordo com essa divisão, uma parte do Brasil estava dentro da área portuguesa.

Pode-se dizer que tal tratado amenizou a disputa entre os países ibéricos. Mas quando os demais países europeus entraram na corrida colonial, não houve acordo que os detivesse. Contestando a partilha estabelecida no tratado, países europeus não envolvidos nele como a Inglaterra, França e Holanda passaram a explorar o litoral brasileiro, praticando o escambo<sup>2</sup>, com os indígenas.

Sabedor das tentativas de invasão, o rei D. João III começou a se preocupar com a possibilidade de perder o controle exclusivo sobre as terras brasileiras. Enviou, então, algumas expedições guarda-costas visando defender a costa brasileira da pilhagem de pau-brasil<sup>3</sup> praticada por corsários franceses e holandeses. Com o fracasso das expedições, D. João III percebeu que para colonizar as novas terras não bastava simplesmente fundar vilas. Seria necessário adotar outro regime de colonização. O modelo escolhido foi o das Capitânicas Hereditárias. Esse sistema de colonização já havia sido utilizado pelo governo português nas ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde. Consistia em dividir um território em grandes extensões de terra e conceder a particulares – os capitães donatários – o direito de explorá-las. A tentativa portuguesa de colonizar as terras conquistadas na América do Sul por meio das capitânicas hereditárias revelou-se um fracasso quase completo, apesar do êxito das capitânicas de Pernambuco e São Vicente.

O fracasso expunha as fragilidades do sistema de colonização escolhido pela Coroa portuguesa: a ligação entre as capitânicas hereditárias era precária, o poder encontrava-se disperso entre os donatários e os conflitos com os índios se intensificavam. Além disso, os navios franceses continuavam assediando o litoral.

---

<sup>1</sup> O documento, assinado entre as duas maiores potências econômicas na cidade de Tordesilhas, na Espanha, traçava uma linha imaginária 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. As terras localizadas a leste dessa linha pertenciam a Portugal e as encontradas a oeste pertenciam à Espanha.

<sup>2</sup> Troca de mercadorias sem utilização de dinheiro.

<sup>3</sup> Primeiro empreendimento de exploração econômica ao qual se dedicaram os portugueses, encontrado numa larga faixa litorânea que se estendia dos atuais estados do Rio Grande do Norte ao Rio de Janeiro.

Diante da gravidade dos fatos, no final de 1548, o governo português concluiu que estava na hora de assumir o controle da colônia. Para tanto, decidiu modificar a maneira pela qual governava sua possessão na América e implantou uma forma de administração centralizada: o Governo-Geral. Com a medida, o governador-geral passaria a ser o principal representante do rei no Brasil. Seu poder superava o dos donatários das capitanias.

Durante os governos gerais, o Maranhão foi invadido pelos franceses. Segundo LIMA (2006, p.169): “Essa ocupação foi resultado dos contatos que se vinham fazendo vinte anos antes, iniciado por Jacques Riffault<sup>4</sup> com o chefe potiguar Ivirapive, cacique de grande influência na região do atual Rio Grande do Norte. Animado pelo chefe índio, armou o pirata na França três naus, vindo desembarcar no Maranhão, em 1594.”

Estabelecido e em boa paz com os indígenas, regressou à sua terra, deixando em seu lugar Charles Des Vaux<sup>5</sup>, “(...) que tratou de estreitar cada vez mais amizade e conquistar a confiança dos gentios. Obtendo-a, e desesperado, depois de dois anos de esperar por Riffault, ou decidido a firmar por sua conta o domínio gaulês nestas paragens, viajou Des Vaux para a França.” (LIMA, 2006, p.170)

---

<sup>4</sup> Experiente corsário e capitão de mar francês. Riffault, com a ajuda de Charles des Vaux, por diversas vezes, promoveu verdadeiras batalhas contra posições portuguesas em Pernambuco, Paraíba (Cabedelo) e Natal (Potiiu). Uma de suas mais famosas aventuras foi o ataque à fortaleza de Cabedelo, na Paraíba (1597). Ainda hoje, no bairro do Alecrim, em Natal, um local guarda no nome a lembrança de Riffault, onde foi erguida a Base Naval de Rifoles (que era o nome da embarcação do corsário francês). Foi ele que, a convite do chefe indígena potiguar Ibirapive, ou Ouvirapive (que quer dizer “Arvore Seca”), conduzindo três navios, partiu de França a 14 de maio de 1594. Depois de arrastado pelos ventos, chegou “desarvorado” ao Golfo Maranhense, aonde naufragou uma de suas naus. Estabelecido na Ilha Grande, construiu para si uma feitoria e, depois retornou à França, deixando residindo em Upaon-Açu centenas de franceses, entre eles, seu imediato Charles des Vaux. Riffault retornou ao Brasil outras vezes permanecendo no seu reduto, o Rifoles, na margem direita do rio Potengi. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 129-130)

<sup>5</sup> Fidalgo, natural de Saint-Maure no Touraine, é uma das mais importantes figuras do tempo da ocupação francesa no Maranhão e no Nordeste do Brasil. Companheiro de Jacques Riffault em várias expedições pelo Nordeste (RN, PB e PB), ele, após o naufrágio de 1594, foi o administrador do pequeno estabelecimento por aquele fundado na Ilha Grande, logrando alcançar durante esse tempo a posse da mesma e a amizade dos Tupinambás, seus habitantes (...) Foi ele quem levou a Henrique IV, de França, as informações sobre os recursos e riquezas naturais da nova terra, informações que determinaram a sua exploração à custa da coroa. Aprendeu com facilidade a língua indígena e gozava de notável influência entre eles, não só por estas razões, mas ainda pelo seu provado valor nas guerras em que se achava empenhado a favor dos mesmos indígenas, que o chamavam de Itajubá (braço de ferro) e tapijar (caçador). (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 130)

Depois de regressarem ao Maranhão, chefiados por Daniel de La Touche<sup>6</sup> (senhor de La Ravardiere) e Fraçois de Razilly<sup>7</sup>, com o apoio da regente Maria de Médicis, constroem casas, igrejas e levantam o forte de São Luís – homenagem ao monarca francês Luís XIII<sup>8</sup> – e no dia 08 de setembro de 1612, na Ilha de Upaon-Açu dos índios tupinambás, instalam uma colônia no Maranhão designada de França Equinocial<sup>9</sup>. Compõe-se a predita expedição, além de 500 homens, mais quatro missionários capuchinos, Claude d'Abbeville<sup>10</sup>, Arsene de Paris<sup>11</sup>, Ambroise d'Amiens<sup>12</sup> e Yves d'Evreux<sup>13</sup>.

---

<sup>6</sup> Daniel de La Touche (ou Tousche), Cavaleiro e Senhor de La Ravardiere, loco-tenente-general da França; Vice-rei das Guianas (1605) e fundador de São Luís (1612). La Touche nasceu por volta de 1570 em Berthegon, na região do Poitou. Fidalgo da corte do rei Henrique IV, alinhou-se com uma das mais importantes famílias da Europa quando se casou com a protestante Charlotte de Montgomery. Ravardiere é o descobridor da Foz do Rio Amazonas em 1604, quando empreendeu importante viagem com Jean Moquet. O caráter nobre, apurado e diplomático de Ravardiere muito ajudou na manutenção da paz e da prosperidade da colônia francesa no Brasil. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 126)

<sup>7</sup> Cavaleiro Senhor de Razilly e Oiseaumulles, Procurador do Senhor Nicolas de Harlay. Foi o líder espiritual e co-fundador da França Equinocial no Maranhão. Razilly era primo de Armand du Plessis, o futuro famoso Cardeal Richelieu: o grande ministro de Luís XIII. Por ocasião do estabelecimento da colônia no Maranhão também foi declarado Loco-tenente-geral de Sua Majestade nas Índias Ocidentais e terras do Brasil. Após participar de uma campanha na Itália, foi nomeado embaixador da França na Suécia. Faleceu em Montauban em 1622. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 127)

<sup>8</sup> Foi em homenagem a Luís XII (1601-1643) que a capital maranhense foi nomeada, assim como em honra ao santo Luís IX (1214-1270). Os generais da expedição, La Ravardiere e Razilly, deram ao forte o nome do monarca, então rei menino, com apenas 11 anos de idade. Em consequência os moradores locais receberam o adjetivo gentílico de ludovicense (Ludovico é Luís, em latim). (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 87)

<sup>9</sup> Na tentativa de explorar os seus recursos naturais e desenvolvê-la, mantiveram plantações de tabaco, algodão e canafístula e chegaram a exportar para o continente europeu pimenta, âmbar, tatajuba, urucu e carajuru. No campo da mineração, é possível que tenham descoberto minas de lápis-lazúli, ouro, prata e enxofre e pérolas. (FERRO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p.55)

<sup>10</sup> Capuchino do Convento de Saint Honoré, em Paris. Historiador. Integrante do corpo religiosos da França Equinocial, escreveu a obra “História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças”, que conta a história da colônia francesa no Maranhão. Este livro tornou-se a maior e mais rica obra sobre a saga dos colonizadores do Maranhão. Atualmente, ele é patrono da cadeira nº 1, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGM. O nome de Claude d'Abbeville perpetuou-se no Maranhão e hoje é um dos mais importantes hotéis de São Luís. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 127)

<sup>11</sup> Padre. Deu substancial impulso na catequese no Maranhão. Após a partida de Abbeville à Europa e o sepultamento de Amiens, foi ele, sob a orientação de Evreux, quem continuou a percorrer as aldeias da Ilha de São Luís evangelizando-as. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 128)

<sup>12</sup> Padre. Primeiro europeu sepultado no Maranhão, seu corpo foi inumado no Convento São Francisco, hoje Igreja de Santo Antonio. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 128)

Decididos a reconquistar o território, o governo português enviou uma expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque<sup>14</sup> visando expulsar os franceses do Maranhão. Após encontrarem algumas dificuldades em seu percurso, finalmente, na madrugada do domingo de 26 de outubro de 1612 os portugueses, sãos e salvos, aportaram à margem esquerda do rio Munim<sup>15</sup> na localidade de Guaxenduba<sup>16</sup>. Conforme PIANZOLA (1992, p.198): “Passam o dia amarrando os navios, reconhecendo o terreno e repartindo os homens na terra, com as armas”.

Dois dias depois, a 28 de outubro de 1612, celebra-se a missa pelos carmelitas missionários da expedição e começam a construção de um forte no local (forte de Santa Maria) e, por fim, se preparam para a batalha, iniciada no dia 19 de novembro de 1614, na qual os franceses contam com “superioridade de homens e de armas e tendo ainda o apoio de toda população indígena, incluindo a da ilha de Tapuitapera e a de Cumã.<sup>17</sup>” (LIMA, 2006, p.194)

Sobre o confronto o historiador Mário Meireles explana:

<sup>13</sup> Padre e historiador. Superior da Missão do Maranhão. Evreux deu continuidade ao trabalho de Abbeville escrevendo “Viagem ao norte do Brasil”, feita nos anos de 1613 a 1614, que se constitui em outra importante e consultada obra que narra o nascimento do Maranhão descrevendo a população, fauna e flora da época. Ele é patrono da cadeira de nº 2 do IHGM. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 128)

<sup>14</sup> (...) filho de um português e de uma índia potiguar batizada com o nome de Maria do Espírito Santo Arco-Verde, filha do chefe Vira-Ubi, “Arco Verde”, em sua língua. Este mestiço, Jerônimo de Albuquerque, tem 65 anos. Um velho, mas um homem tarimbado e de coragem. Faz meio século que luta contra as tribos que lideram a resistência em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Homem do mato, tem prestígio junto aos índios que o conhecem, ele que não esconde suas origens: fala diariamente o tupi, sua língua materna, mas os jesuítas de Olinda ensinaram-lhe a ler e escrever português. (PIANZOLA, Os papagaios amarelos: Os franceses na conquista do Brasil, p. 116)

<sup>15</sup> Nasce da reunião de pequenos rios na lat.merid. de 4° 3´ e na long.oc. de 44° 42´, distante algumas léguas da margem esquerda do rio Parnaíba, corre a N.O e deságua na baía de São José. (...) Nas margens deste rio encontram-se os povoados conhecidos pelos nomes de Cachoeira, Morros, Rui Vaz, Axixá e Boca do Rio. (MARQUES, Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão, p. 762)

<sup>16</sup> No dia 19.nov. deu-se nessas águas, entre as embarcações francesas bem tripuladas e a fortaleza mal-acabada e guarnecida, horrível combate. Venceram os portugueses, retiraram-se os franceses para a Ilha do Maranhão em 29 desse mesmo mês. Nesse dia celebrou-se uma missa solene, e começou-se a construção de uma igreja dedicada a Nª Srª da Ajuda, a cujo favor atribuíram a fortuna de suas armas. (MARQUES, Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão, p. 178)

<sup>17</sup> Além de Tapuitapera, para o lado oeste, encontra-se um rio a que os índios denominam Cumã. (...) As terras adjacentes são muito bonitas, muito agradáveis e fertilíssimas, bem mais que a Ilha Grande do Maranhão. Aí, nessa região, existe também uma residência de índios da mesma nação dos da Ilha Grande e de Tapuitapera. Cercada de quinze a vinte aldeias que se distribuem pelas margens do Cumã. (D`ABBEVILLE. História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão. p.121)

Chegada de 600 índios tupinambás à Ilha do Maranhão, procedentes das aldeias de Cumã, para combaterem ao lado dos franceses, na luta contra os portugueses, cujos silvícolas, ao desembarcarem ao lado dos franceses, ficam sabendo da notícia da derrota de seus aliados, no dia anterior, no sítio de Guaxenduba, o que os obrigou imediatamente a retroceder para seus locais de origem. (MEIRELES, 1982, p.95)

O estudioso Maurice Pianzola diz que:

La Ravardiere chegava pessoalmente com sete navios, mais de cinquenta canoas, 400 franceses e, segundo as diferentes testemunhas, 1500, 2000 ou 4000 tupinambás. Seu plano era fazer desembarcar as três companhias, cada uma com 60 homens, comandados por de Pézieux<sup>18</sup>, du Pratz<sup>19</sup> e pelo cavaleiro Razilly, irmão de François que partira para a França. Auxiliados pelos índios, elas deviam se entrincheirar antes do alvorecer, mantendo-se perto de um riacho a uns cem passos do forte português. À frente de 80 homens e de seus marinheiros, La Ravardiere devia bombardear o forte de dentro de seus sete navios para, em seguida, tendo em vista a superioridade de suas forças, exigir a rendição de Albuquerque antes de desembarcar, pessoalmente, com suas reservas. (PIANZOLA, 1992, p.208)

Apesar da inferioridade de armas e gente, obtiveram os portugueses retumbante vitória.

(...) uma pobre expedição fruto de contradições, embaraços e misérias de todo gênero, arrastando-se languidamente de estação em estação desde Pernambuco até Guaxenduba, e depondo em cada estação parte das minguadas forças, minada e dizimada pela penúria, pelas moléstias e pela insubordinação; desmoralizada pelo medo e covardia, a maior degradação e infâmia a que um soldado pode chegar. E nada menos, os portugueses venceram! (LISBOA apud LIMA, 2006, p.194)

Sobre a vitória portuguesa criou-se a lenda do Milagre de Guaxenduba que o padre José de Moraes (1759, p.48) assim descreve: “Foi fama constante (e ainda hoje se conserva por

---

<sup>18</sup> Primo do rei Luís XIII, era a figura mais importante da França Equinocial. Estava destinado a ser o chefe definitivo da colônia após a partida de La Ravardiere e Razilly. Relativamente jovem ainda e inexperiente, recebeu o comando de terra na batalha de Guaxenduba. Ao ser apresentado o ultimatum de La Ravardiere, Pézieux cometeu o enorme erro de deixar as tropas francesas descansar e por de lado as armas durante as quatro horas do prazo que deviam aguardar a resposta de Jerônimo. O súbito ataque português apanhou os franceses desprevenidos e muitos foram trucidados. Morreram quase cem nobres franceses, inclusive Pézieux e um irmão de La Ravardiere. O jovem Pézieux foi o grande culpado do fracasso da França Equinocial. (MARIZ, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 48)

<sup>19</sup> Loco-tenente. Após confirmada a vitória portuguesa, em 1615, Du Pratz partiu como emissário para a França em companhia de Gregório Fragoso a fim de tratarem das negociações da nascente colônia no Maranhão. Sobre este capitão, escreve Diogo de Campos Moreno: “pessoa de substância da Câmara do Cristianíssimo Rei de França”. A família Du Pratz ainda existe no Maranhão, não se sabendo se é descendência deste oficial francês. (NOBERTO, França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário, p. 128-129)

tradição) que a virgem Senhora fora vista entre os nossos batalhões, animando os soldados em todo o tempo de combate”.

O escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934) celebrou esta lenda no soneto intitulado “O Milagre de Guaxenduba”, cujos versos são os seguintes:

Minha Terra natal, em Guaxenduba;  
Na trincheira, em que o luso ainda trabalha,  
A artilharia, que ao francês derruba,  
Por três bocas letais pragueja e ralha.

O leão de França, arregaçando a juba,  
Saltou. E o luso, como um tigre, o atalha.  
Troveja a boca do arcabuz, e a tuba  
Do índio corta o clamor e o medo espalha.  
Foi então que se viu, sagrando a guerra,  
Nossa Senhora, com o Menino ao colo,  
Surgir lutando pela minha terra.

Foi-lhe vista na mão a espada em brilho...  
(Pátria, se a Virgem quis assim teu solo,  
Que por ti não fará quem for teu filho?)

(CAMPOS, 1961, p.286)

No livro *Relação Sumária das Coisas do Maranhão*, de Simão Estácio da Silveira, publicado em 1624, a batalha de Guaxenduba ficou conhecida como expedição milagrosa.

(...) Milagrosa porque inacreditável a derrota dos franceses, mais fortes em pessoal e material, e também porque, conta a lenda, no aceso da luta, em Guaxenduba, uma senhora, de radiosa e etérea aparência, aparecera como por encanto a assistir aos lusitanos, aos feridos pensando-lhes as cicatrizes, aos que lutavam servindo-lhes a pólvora em que transformava a areia que ia apanhando. Era a Virgem Mãe de Deus, a quem faziam padroeira da cidade depois de tomá-la aos franceses, sob a invocação de N.Sra. da Vitória, em reconhecimento à milagrosa ajuda. (MEIRELES, 2001, p.52)

Sobre o assunto, o historiador Carlos de Lima cita que:

A expedição, denominada milagrosa, contara, de fato, com um milagre; e para explicar a vitória recorreu-se ao sobrenatural: a ajuda divina – a própria Virgem Maria, no fragor da batalha, percorreria as linhas portuguesas, incitara-os ao combate, e transformara em boa pólvora a areia da praia, conduzindo ao sucesso apenas 170 soldados e 80 índios! Em que pese a incorreção dos números, houve, efetivamente, um indiscutível milagre. Parece, porém, que os franceses não eram lá muito valentes, sempre derrotados nos confrontos com os lusos. (LIMA, 2006, p.197)

Os franceses renderam-se no dia 03 de novembro de 1615, conforme o ilustrado em:

Lutara-se das dez às 16 horas, e completa era a vitória e principalmente moral, das armas portuguesas. Os franceses, abatidos no campo da luta ou afogados na fuga, perderam mais de 100 dos seus, inclusive 30 gentis-homens, destacando-se dentre eles De Pezieux, fidalgo de alta linhagem, primo-irmão da princesa de Condé, e que sucederia a La Ravardiere no governo da colônia, dentro de três dias, como também um irmão deste último, La Touche de Chavannes; entre os tupinambás, seus aliados, a mortandade foi quase incalculável, oscilando os historiadores entre os limites de 400 e 1.400. Tiveram, ainda, 30 feridos, nove prisioneiros, e perderam 200 armas, arcabuzes e mosquetes. (MEIRELES, 2001, p.55)

A partir daí, os tupinambás de Cumã, desligados definitivamente da influência francesa, ficam subordinados à administração dos novos dominadores, os portugueses. Neste mesmo ano, chegam às terras do Maranhão os primeiros padres da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, e conhecidos popularmente por “padres jesuítas”, passando a desenvolver importante trabalho catequético junto aos indígenas.

Os portugueses, em ação de graça, pela ajuda divina ergueram uma igreja dedicada a N.Sr<sup>a</sup> da Vitória. Para a igreja ali edificada, mandaram buscar em Portugal uma imagem de N.Sr<sup>a</sup> da Vitória, a qual fizeram de padroeira do Arraial de Santa Maria de Guaxenduba.

Em 1688, a Vila mudou-se para as margens do Rio Munim, com o nome de Santa Maria de Icatu, devido a dificuldades econômicas pelas quais passavam seus habitantes, conforme se pode comprovar na citação a seguir:

Mandada fundar por S.M., há mais de 60 e tantos anos, se achava de todo extinta de moradores e sua escravatura pela paragem de ser muito doentia, e por essa causa se animavam muitos moradores deste Estado a virem para ela pelo que estavam presenciando na mortandade. Esta ruína se podia remediar, mandado S.M. que a vila se mudasse para outro lugar vizinho sobre o mar, que os havia muito suficientes, juntos a mesma vila, co abundância de pescueiros para os pobres passarem a vida melhor, sem que esta mudança causasse detrimento, porque na dita vila se não achava mais que a igreja matriz coberta de telhado, e tudo dela se podia aproveitar: o mais eram umas casas de madeira cobertas de palha, que tinham pouca duração, e se não faziam outras mais capazes era por verem que aí não se podiam conservar, como também pela falta do comércio por ficar fora de passagem, e o porto de mar distante, e por esta razão padeciam muita falta de mantimentos, que costumavam vir de outras partes, e estes lhe eram muito necessários. (MARQUES, 2008, p.65)

Atualmente, ainda existem os restos do forte e vestígios da igreja.

## 2.1 - Os primeiros povoadores

Acredita-se que a povoação de Axixá tenha surgido a partir da Batalha de Guaxenduba, travada entre franceses e portugueses, às margens do rio Munim, no forte de Santa Maria, em 19 de novembro de 1614. Afinal, a cidade se encontra localizada às margens deste rio, bem próxima de Icatu.

Todavia, existe outra versão de povoamento. Segundo ela, a história de Axixá está ligada ao povoado de Munim-Mirim, localizado às margens do rio Guará, onde alguns corsários franceses (piratas) se refugiaram com uma carga de um navio português, desviado pela rota do rio Munim. Ali se estabeleceram e construíram uma vila inteira.

Contam mais os moradores, que o governo português começou uma caçada a esses saqueadores, que ao saberem do acontecido deixaram o povoado e tudo o que nele existia, permanecendo somente alguns escravos, dos quais descendem a população local, que é na sua totalidade negra.

Depois que fizeram o reconhecimento da terra, os portugueses constataram que não havia tesouro naquele local, mas levaram a informação à coroa portuguesa, da abundância de pedra granito que existia no povoado. Esta tinha um grande valor comercial na época para os portugueses, pois era muito utilizada na construção civil, monumentos históricos e pavimentação de ruas.

Mais tarde, o governo do Estado do Maranhão, organizou uma expedição ao povoado, composta pelo português Manuel José de Pinho<sup>20</sup> e outros que ali chegaram e constituíram família.

A partir do reconhecimento do povoado, Manoel José de Pinho, percebeu que na vegetação daquela vila predominava uma espécie de árvore muito grande, de frutos avermelhados, que para eles era conhecida com o nome de axixá. As enormes árvores de frutos avermelhados, que se encontra às margens do rio Munim, próximo ao porto, chamaram a atenção do fundador da cidade, que deu nome à terra recém-descoberta de Axixá.

---

<sup>20</sup> Nascido no Reino de Portugal em 11 de dezembro de 1975 e falecido em Axixá em 09 de abril de 1862. Esta data encontra-se registrada em um jazigo na igreja matriz Nossa Senhora da Saúde, onde repousa seus restos mortais.



**FIGURA 1.** Árvore Axixá que deu origem ao nome da cidade

Com a vinda de novos portugueses fundaram, mais tarde, uma grande casa comercial com o nome "Martins & Primos". A seguir, Manuel José de Pinho e seus companheiros fizeram construir, naquele povoado, uma igreja ainda hoje existente, mandando buscar, então, em Portugal, uma imagem de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade.

Com o passar dos anos, embora tivesse uma estrutura econômica desenvolvida, a vila não possuía uma organização política e administrativa. Por isso, sentindo a necessidade de tal organização para representá-la e melhorar suas relações comerciais bem como impulsionar a economia local, Axixá foi anexado em 1889 a Icatu, passando a constituir seu 2º distrito (Anexo A) até 1917, quando voltou a ser independente (Anexo B).

No entanto, a independência político-administrativa do município de Axixá não durou muito tempo. Em abril de 1931, o governo do Estado altera o quadro administrativo, dividindo o território maranhense em apenas 52 municípios (Anexo C).

Com isso, Axixá voltou a dependência de Icatu até 12 de junho de 1935, quando reconquistou sua autonomia. Quatro anos depois, ou seja, a 12 de junho de 1935, foi Axixá elevado definitivamente à categoria de cidade.

## 2.2 - Aspectos Administrativos e Políticos

Os primeiros administradores municipais foram escolhidos através de nomeações feitas pelo governador do estado. Assim, após a criação do novo município, veio em seguida à nomeação do primeiro administrador, o juiz Joaquim Fontoura Chaves. Ele exerceu o cargo nomeado por uma câmara, indicada pelo governador do Maranhão, na época, o doutor Herculano Nina Parga. Durante a administração de Joaquim Chaves foi criada a Câmara de Vereadores e secretarias municipais para compor a organização administrativa.

A segunda administração municipal ficou a cargo do senhor Felipe Barbosa de Andrade, “que teve uma atuação significativa no município, contribuindo com obras que foram de suma importância na melhoria da qualidade de vida axixaense.” (ALMEIDA, 1982, p.01).

### 2.2.1 - A primeira eleição

Em 1920, os moradores de Axixá foram às urnas, para escolher seus legítimos representantes, desta vez eleitos pelo voto do povo deste município.

O senhor Augusto Virgílio Cantanhede consagrou-se prefeito eleito. O mesmo não completou o seu mandato. Renunciou e deixou para substituí-lo João Brito Nunes. O motivo da sua renúncia até hoje é desconhecido.

Augusto Virgílio Cantanhede se reelegeu em 1922, estando em frente da administração municipal axixaense até o ano de 1924.

### 2.2.2 - Prefeitos Municipais

A população do município elegeu para a 5ª administração o senhor Jonas Pereira Lobato que renunciou em favor de Firmino Machado, o mesmo desistiu do mandato assumindo então Constantino Rabelo. O motivo das renúncias é desconhecido.

A 6ª administração foi após a Revolução de 1930 e teve como prefeito o senhor Anselmo Dimas Trindade que não administrou por muito tempo.

O mesmo foi destituído do poder no dia 22 de outubro de 1930 quando uma das dependências da casa do senhor José Ribamar Fontoura onde funcionava a prefeitura foi invadida por Donato Pereira Lobato e um grupo de homens armados que transferiram os objetos daquele recinto para sua dependência na Praça da saúde onde passou a funcionar as atividades administrativas. A partir daquela data na pessoa do próprio revolucionário Donato Pereira Lobato. No dia 24 de outubro do mesmo ano foi hasteada uma bandeira vermelha, simbolizando a adesão do município a revolução. A mesma foi retirada em 15 de novembro de 1930, quando foi organizada uma junta governativa composta por: Donato Pereira Lobato, Nestor Alarico Vieira e Pedro Queiroz, que governou Axixá até 3 de janeiro de 1931. A partir de então, o município é novamente anexado a Icatu através do interventor do estado do Maranhão Venceslau da Silva. (OLIVEIRA, 2000, p.24-25)

Axixá reconquistou sua autonomia definitivamente em 12 de junho de 1935. As três primeiras administrações após 1935 tiveram os seguintes administradores: Zeferino Lobato; Estanislau da Costa e Silva (tenente); Nestor Alarico Vieira.

Após 1937, o país passou por algumas mudanças políticas. Com o golpe de 1937 e a implantação da ditadura Vargas (Estado Novo), os brasileiros voltaram a viver sob um período de centralização política. Esse acontecimento se refletiu na sociedade axixaense com um longo período de intervenções de 1937 a 1947. Os interventores foram os seguintes: Mário Fontoura Chaves (duas administrações); Dionísio Esteves Leite; Ciriaco Donato Martins; Francisco de Paula Rodrigues de Melo; Eduardo Castro Costa; Raimundo Cotrim; José Joaquim Tiago de Melo; Adalberto Pereira Lima; José Rabelo Carvalho. (OLIVEIRA, 2000, p.27)

A partir de 1942, alguns setores da sociedade brasileira começaram a lutar pela democratização do país. Conforme Oliveira (2000, p.28): “As pressões externas e o rompimento das relações com as forças armadas marcaram o fim do estado Novo com a deposição de Vargas em 1945. Esse acontecimento representou para o município o fim das intervenções que se arrastaram durante 10 longos anos, ocasionando um retrocesso na organização política de Axixá.”

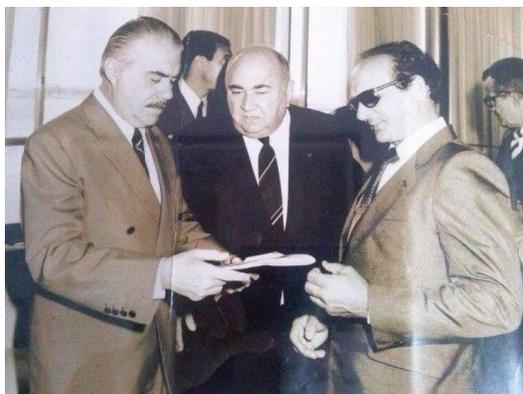
No ano de 1947, foi eleito Delarei Cardoso Nunes, que administrou o município de 1948 a 1950.



**FIGURA 2.** Prefeito Delarei Cardoso Nunes  
 Fonte: **Álbum do Maranhão**. 1950.

A partir da década de 50, o cenário político axixaense mudou com a eleição do senhor João Clímaco de Almeida cuja atuação forte o tornou um dos maiores chefes políticos. Segundo Oliveira (2000, p.28): “Presidente do PDS (Partido Democrático Social), exerceu cinco mandatos: três como prefeito e dois como vereador, monopolizou o poder até a década de 80. Durante os 39 anos (1950-1989), todos os prefeitos eleitos eram da família Almeida ou indicados por ele.”

Os prefeitos que administraram nesse período foram: João Clímaco de Almeida; Pedro Paulo Rabello; Esaú Pacífico de Oliveira; Pedro Paulo Rabelo; Felipe Rodrigues Rabelo; João Clímaco de Almeida; Neilson Vieira de Brito; João Clímaco de Almeida; José Pedro Ferreira Reis; Oton Melo de Almeida. Não foi possível resgatar as datas referidas aos seguintes mandatos.



**FIGURA 3.** Prefeito Oton Melo de Almeida (no centro)  
 Fonte: [facebook.com/AxixaMa](https://www.facebook.com/AxixaMa)

Essa cena política mudou somente em 1989 quando pela primeira vez o povo não elegeu o candidato indicado por João Clímaco de Almeida.

A partir de então, a família Almeida, que era detentora da máquina política administrativa perdeu o seu reduto eleitoral e conseqüentemente sua hegemonia política. Em 1989, José Pedro Ferreira Reis se candidatou pela segunda vez, não mais através da indicação do chefe político do município João Clímaco, mas a pedido do povo o qual o elegeu com uma maioria expressiva de votos. (OLIVEIRA, 2000, p.28-29)

Nessa época, as obras que contribuíram para o desenvolvimento do município, foram: construção da Prefeitura Municipal; construção do hospital e maternidade axixaense; construção de pontes – ligando vários povoados; abertura de estradas; construção de várias escolas da rede municipal; urbanização, pavimentação, iluminação e arborização das ruas; instalação de um posto da TELMA; abertura de ruas; construção de uma escola de Ensino Médio; construção de duas escolas da rede estadual; construção de uma delegacia.

Atualmente, o município é governado pela prefeita Roberta Maria Gonçalves Barreto (PMDB). O atual vice-prefeito do município de Axixá é o Sr. Jose Ribamar Almeida Andrade, conhecido popularmente por Zé de Jaime (PPS).



**FIGURA 4.** Prefeita atual Roberta Maria Gonçalves Barreto  
Fonte: [famem.org.br/municipio/axixa/](http://famem.org.br/municipio/axixa/)

### 2.2.3 - A Câmara Municipal

O atual presidente da Câmara Municipal de Axixá é o vereador Sandro Rogério Coelho Maciel. No quadro abaixo os nove membros da Câmara Municipal eleitos na última eleição municipal pelo voto popular.

AXIXÁ / MA - 1.º TURNO					Atualizado em
Vereador					07/10/2012
Seq.	Núm.	Candidato	Partido/Coligação	Votação	% Válidos
*0001	14456	ELISABETH	PTB - PTB / PRTB / PSB	317	4,01 %
*0002	28456	AUGUSTO DO SINDICATO	PRTB - PTB / PRTB / PSB	310	3,92 %
*0003	13333	DOMINGOS DO CARANGUEIJO	PT - PDT / PT / PSC / PR / ...	304	3,84 %
*0004	65555	SANDRO	PC do B - PMDB / PSL / PP...	282	3,57 %
*0005	15603	MIGUEL CAMPOS	PMDB - PMDB / PSL / PPS ...	279	3,53 %
*0006	22345	LEO	PR - PDT / PT / PSC / PR / ...	269	3,40 %
*0007	43211	BIBI LEAL	PV - PRB / DEM / PV	249	3,15 %
*0008	14111	PROFª. VALDIRENE	PTB - PTB / PRTB / PSB	246	3,11 %
*0009	43111	CINZENTO	PV - PRB / DEM / PV	214	2,71 %

**FIGURA 5.** Relação dos vereadores eleitos em Axixá

Fonte: [luiscardoso.com.br/politica/2012/10/veja-a-relacao-dos-vereadores-eleitos-em-axixa-e-santo-amaro-do-maranhao/](http://luiscardoso.com.br/politica/2012/10/veja-a-relacao-dos-vereadores-eleitos-em-axixa-e-santo-amaro-do-maranhao/)

### 2.2.4 - Os Símbolos Municipais

O Brasão de Axixá foi idealizado em 1982 pelos professores Abílio César Cantanhede de Reis e Terezinha de Jesus Almeida.



**FIGURA 6.** Brasão de Axixá

Pousado numa folha de axixá, o Escudo redondo, está dividido em quatro partes iguais. Nas partes superiores estão representadas, do lado esquerdo, a Bandeira Maranhense e do lado direito, a Bandeira Axixaense. Nas duas partes inferiores estão representadas as riquezas do município: a esquerda, a pedra granito e a direita, a andiroba (em forma de ouriço). O conjunto está sobre um resplendor amarelo, contornado por uma estrela de 20 (vinte) pontas. Em listel azul, sobre o talo da folha, está inscrita, no centro da legenda, a seguinte frase: “Município de Axixá”. Nas extremidades, estão inscritas as seguintes expressões: “23 de setembro”, a esquerda, e “de 1917”, a direita.

A Bandeira de Axixá é formada por três listas verticais nas cores: verde, branco e amarelo. O verde e o amarelo representam as cores nacionais. O branco simboliza a paz do povo que aqui vive. No centro, numa esfera azul simbolizando o céu, estão representadas as riquezas desta terra, que são: a pedra granito e a andiroba. Do lado de fora da esfera, circundando a mesma, estão: um ramo de andirobeira, uma rama de pimenta do reino e uma faixa com o seguinte lema: “Axixá Espera e Confia”.

A Bandeira Axixaense foi idealizada por Gotran Vieira Brito e foi aprovada pela Câmara de Vereadores, através da Lei nº 9, de 10 de setembro de 1970. Foi hasteada pela primeira vez, no dia 23 de setembro de 1970, na Prefeitura Municipal, por ocasião do aniversário do município.

O Hino Municipal possui letra de Mary Silva Fontoura e autoria de José Maria Costa Fontoura. É muito cantado em eventos culturais realizados município. Veja abaixo a letra do hino do município de Axixá.

I  
Axixá, rincão estremecido  
Berço régio querido  
Abençoado por Deus  
Axixá o teu nome sagrado  
Lembra um nobre passando  
E os heróis filhos teus  
Em meus versos  
De amor decantado  
Em meu peito inspirado  
Transbordante de ardor  
Axixá, te quero ver  
Esplendente de fulgor

II  
Na margem do Rio Munim  
Paira sempre soberba imagem  
Majestosa e juvenil  
Encerrando belezas mil

III  
De heróis fala tua história  
Tua vida é plena de glória  
Sobranceira e varonil  
Serás grande no Brasil

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Banhado pelo rio Munim, o município de Axixá está localizada na mesorregião do Norte Maranhense, que é a mais populosa do Estado, e na microrregião da Baixada Oriental Maranhense, ocupando uma área de 203,19 km<sup>2</sup>. Está distante 95 km de São Luís, 20m acima do nível do mar e em 2014 o IBGE estima a sua população em 11.780 habitantes. Limita-se ao Norte, com o município de São José de Ribamar; ao Sul, com Rosário e Presidente Juscelino; a Leste, com Icatu e Morros; e ao Oeste, com Rosário.



**FIGURA 7.** Localização de Axixá.  
Fonte: [www.cidades.com.br/cidade/axixa](http://www.cidades.com.br/cidade/axixa)

Sua posição geográfica é determinada pelo paralelo de 2° 51' de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 44° 04' de longitude oeste. Formada por 24 povoados, a maioria na zona rural.

O clima é tropical megatérmico, muito quente e úmido, com duas estações bem definidas, sendo uma chuvosa de janeiro a julho, quando a fertilidade do solo é aproveitada para as

plantações agrícolas; e uma seca de agosto a dezembro, nesta estação é constante a colheita de alguns produtos locais como jaca, tangerina, juçara, etc.

Predominam solos minerais com textura variando de arenosa a argilosa, bem drenados, muito ácidos, de baixa fertilidade natural e bastante susceptíveis à erosão. No litoral, encontra-se solos argilosos pouco desenvolvidos e muito mal drenados, molhados durante o ano todo devido ao fenômeno das marés a que são submetidos.

Seu relevo apresenta duas feições: a primeira é a da área conhecida como Golfão Maranhense, correspondendo a uma baixada modelada em sedimentos quaternários; a segunda corresponde a uma área parcialmente modelada em rochas cristalinas, recobertas por sedimentos cretáceos, com um relevo dissecado em colinas e vales pouco profundos.

A rede hidrográfica é constituída pelo rio Munim, cuja margem esquerda está situada a sede municipal e seus afluentes e igarapés Sumaúma, Ruy Vaz, Riachão e Munim Mirim e pelo braço oriental do rio Itapecuru que desemboca na bacia do Arraial.

### **3.1 Atrativos naturais**

A primeira impressão ao se chegar em Axixá é que de que a cidade não tem muito a oferecer aos seus visitantes, já que é uma cidade como muitas outras no Maranhão: pacata, de gente simples, donas de casa lavando roupa da beira do rio, poucos carros, muitas motos, gente sentada na porta levando um dedo de prosa e uma praça e igreja principais.

Mas à proporção que você adentra a cidade, vê a imensidão do Rio Munim acompanhando todo o desenho do sítio, logo percebe que são elas, as águas as protagonistas de tudo.

Grande e caudaloso, o rio Munim é um dos principais atrativos turísticos de Axixá, sendo ideal para a prática de mergulho de superfície, tendo como cenário uma flora bem característica formada por imensos andirobais, juçarais e manguezais.



**FIGURA 8.** Rio Munim: palco da história de Axixá.

Esse mesmo cenário aplica-se também ao rio Guará, tipicamente axixaense, e onde os passeios são interessantes, ecológicos e rejuvenescedores.

Outros atrativos são: o Munim-Mirim (Ruínas); Fonte Grande ou Centro Grande; Pedra do Tanque; Lagoa Grande; Ilha de Perijuçara, um dos maiores centros pesqueiros da região e dono de uma belíssima vista para a baía de São José; Igreja da Luz; Ilha de Tucha; Porto de São Pedro; Rio Veneza; Praça Nossa Senhora da Saúde, entre outros.

### **3.2 Atividades Econômicas**

A maioria da comunidade do município ainda vive da agricultura de subsistência (arroz, mandioca<sup>21</sup>, milho, abóbora, maxixe, quiabo, abacate, abacaxi, banana, entre outros). O destaque

---

<sup>21</sup> A cultura da mandioca, na década de 80, manteve posição de destaque com relação a outros produtos cultivados como: laranja, arroz, banana, tangerina etc., cuja queda da produção os configurou como economia de subsistência. O município ainda cultiva milho, abóbora, maxixe, quiabo, etc., somente como complemento alimentar, pois apesar de existir muita terra, não há investimento no setor agrícola, as técnicas utilizadas até hoje são totalmente primitivas. Durante a plantação, todos esses produtos se misturam em uma pequena área, dividindo o mesmo espaço, o que torna impossível uma boa colheita.

é a produção de pescado<sup>22</sup>, que mantém o consumo da população local, assim como a criação de suínos, caprinos e frangos<sup>23</sup>.

Destacam-se ainda a extração do óleo de andiroba<sup>24</sup>. O município é o principal produtor do óleo de andiroba que é muito utilizado na fabricação de sabão, medicina alternativa, massagem capilar, etc. O sabão tem grande aceitação em todo o Maranhão, principalmente, na capital.

Na área urbana, predominam as atividades ligadas ao setor terciário<sup>25</sup>, em especial, ao comércio, constituído principalmente de quitandas, botequins, casas comerciais, pequenas lojas, etc.

No município de Axixá pouco ou quase nada se produz; a maioria dos alimentos são importados, é trazido por empresas ou vendedores de outros municípios, o que se produz no município dá simplesmente para subsistência daqueles que a produz.

Veja abaixo os produtos de exportação e importação de maior necessidade e de produção no município.

**Exportação:** óleo de andiroba, sabão de andiroba, pedra seixo, granito<sup>26</sup>, paralelepípedo e pedra preta.

---

<sup>22</sup> A pesca sempre foi uma atividade constante no município responsável em abastecer a comunidade local diariamente. A produção do pescado evoluiu consideravelmente com as novas técnicas empregadas no setor pesqueiro-barcos a motor com capacidade para grandes quantidades de peixes, geleiras etc. Essa produção em alta é resultado da privilegiada situação geográfica do município.

<sup>23</sup> A criação de animais e aves sempre foi uma atividade constante haja vista que a produção diminuiu em virtude da grande aceitação da galinha de granja no mercado e a importação de gado de abate de outros municípios maranhenses.

<sup>24</sup> O óleo de andiroba não é comestível. É de cor amarela clara, líquido, transparente (...). O óleo e o sabão de andiroba tem propriedades medicinais. A gente do povo, no Maranhão, emprega o sabão como remédio para dermatoses, para o combate aos parasitas, picadas de insetos e para conservar a cútis e os cabelos macios e lustrosos. (MARQUES, Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão, p. 126)

<sup>25</sup> Hoje o setor que mais cresce no município é o terciário. As atividades comerciais se constituem como fator predominante em toda a cidade. Esse comércio é feito com São Luís, Fortaleza, São José de Ribamar, Morros, Icatu, Rosário.

<sup>26</sup> No início da sua formação política, no século XIX, o produto rei que ocupou o setor econômico axixaense foi a extração de pedra granito. Essa produção alcançou um alto valor comercial, sendo exportada para o Pará e outros estados, para ser utilizada na construção civil, monumentos históricos e pavimentação de ruas. Essa produção teve

**Importação:** frutas<sup>27</sup>, café<sup>28</sup>, pimenta do reino<sup>29</sup>, combustível, tecidos, móveis e eletrodomésticos, etc.

### 3.3 Transportes e comunicações

No município de Axixá os meios de transporte mais utilizados são terrestre e fluvial.

**Terrestre:** camionetas, caminhões, jipes, automóveis, carroças, bicicletas e animais.

**Fluvial:** canoas, lanchas, balsas e jangadas.

### 3.4 Serviços

No município de Axixá há inúmeras unidades de ensino espalhadas por todo o município cumprindo o papel de educar e socializar os munícipes. São 18 escolas distribuídas em toda rede municipal. Os munícipes dispõem de uma biblioteca – Biblioteca Pública Municipal Paula Marques de Almeida, no centro da cidade.

---

uma queda considerável devido a falta de incentivo e mão de obra especializada local, mas mesmo assim continua tendo uma boa aceitação no mercado.

<sup>27</sup> Entre os anos 50 e 60 o município foi um dos grandes produtores de frutas como a jaca, tangerina, laranja, entre outros, exportados para a capital em grande escala. Hoje perdeu esse mercado devido desmatamento, a extração da madeira e o descaso da população que não se preocupou em plantar uma árvore no local das que envelheceram e morreram, ou seja, aplicação de um projeto de reflorestamento e por falta de uma política de conscientização empreendida pelo poder público.

<sup>28</sup> O café também já foi muito cultivado como complemento alimentar, pois sua moagem era caseira. Deixou de ser plantado com a melhoria nos meios de transporte facilitando a compra do produto já acabado na capital do Estado.

<sup>29</sup> A pimenta do reino veio de Portugal no final do século XIX e se adaptou muito bem aquele solo. Nas décadas de 40 e 60, Axixá foi um grande produtor de pimenta, exportando-a, principalmente para o estado do Pará, que começou a plantar semente passando a partir de então a dominar o cultivo desse produto. Segundo censo realizado pelo IBGE em 1955 Axixá produziu em média 1400 kg de pimenta equivalendo na época a Cr \$ 280.000,00. Atualmente, o produto é trazido de outras regiões para ser comercializado no município, pois o desmatamento e a falta de incentivo na produção estão causando a extinção da pimenta do reino axixaense.



**FIGURA 9.** Unidade Escolar Dr. Paulo Ramos no povoado Veneza



**FIGURA 10.** Laboratório de informática da Escola Municipal Maria Ferreira



**FIGURA 11.** Biblioteca Municipal Professora Paula Marques de Almeida

Os serviços no setor da saúde contam com minipostos em diversos povoados para os atendimentos mais simples e um hospital público municipal (Hospital e Maternidade Axixaense), localizados na sede do município, que atende toda a população do município com prestação de serviços essenciais na área da saúde em diversas especialidades: urologia, pediatria, nutricionista e médico cirurgião, além de pequenas cirurgias, partos, entre outros procedimentos. A população axixaense conta ainda com os serviços prestados por quatro equipes do programa Saúde Bucal – (Dentista e Atendente Bucal) distribuídos nas comunidades.



**FIGURA 12.** Posto de Saúde no povoado Santa Maria

Os trabalhadores e trabalhadoras do campo encontram-se associados no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Axixá, que presta serviços de rescisão contratual para o trabalhador rural e declarações para Aposentadorias Rurais.

O município de Axixá possui ainda uma agência do Banco do Brasil. Além desta, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos mantém uma agência no município. Captam-se ainda, regularmente, transmissões da TV Educativa, TV Difusora e TV Mirante, localizadas em São Luís.

Importante ressaltar que a cidade precisa melhorar a infraestrutura, especificamente, a iluminação pública, limpeza de ruas e praças, que tem deixado muito a desejar. Além disso, não há controle acerca da poluição visual, provocada por alguns letreiros e pichações. A poluição sonora de carros e som é outro um desrespeito, ultrapassando as normas dos limites de decibéis permitidos por quem desenvolve atividades de divulgação. Também o que se vê hoje é degradação ambiental, com derrubada da mata nativa.

## 4 ASPECTOS CULTURAIS

### 4.1 Os folguedos

O ponto alto das festividades do município são as festas juninas, com destaque para o bumba meu boi, que tem o boi de Axixá, como um dos representantes mais antigos da região.



**FIGURA 13.** Boi de Axixá durante apresentação no São João

Fundado em 1959, por iniciativa de Feliciano Veras e Doca Cambel, ambos do povoado de Centro Grande, o bumba meu boi<sup>30</sup> de Axixá é um dos mais tradicionais grupos do sotaque de orquestra<sup>31</sup> do Maranhão.

---

<sup>30</sup> Um folguedo junino e principalmente joanino. Joanino porque o seu ciclo de apresentações inicia-se em homenagem a São João. Na véspera do dia consagrado ao Taumaturgo, 23 de junho, é que acontece o batizado do boi, passando a ser mais uma brincadeira junina, devido seu pique maior acontecer exatamente no mês de junho. O ciclo da brincadeira folclórica do bumba-boi no Maranhão tem seu início no sábado de Aleluia (início dos ensaios) e seu término acontece por volta do final de setembro ou início de outubro com a morte do boi. (Reis, 2005, p.08)

<sup>31</sup> Os instrumentos destes grupos formam praticamente uma pequena orquestra, com grandes destaques para os instrumentos de sopro e cordas, a exemplo dos saxofones, banjos, clarinetes e flautas. Completam o conjunto de instrumentos neste ritmo o bombo, tambor-onça, maracás e poucas matracas leves e pequenas. (Reis, 2005, p.19)

Hoje, comandado por Leila Naiva, já viajou por todo o Brasil divulgando a cultura axixaense, além disso, muitas de suas músicas foram regravadas por cantores famosos, entre eles: Papete e Maria Betânia. Uma dessas músicas foi “Bela Mocidade”, composta por Donato Alves (cantador do Boi de Axixá) e Francisco Naiva (fundador do Boi de Axixá), conforme estrofe da mesma abaixo:

Quando eu me lembro,  
Da minha bela mocidade.  
Eu tinha tudo a vontade,  
Brincando no boi de Axixá.  
Eu ficava com você,  
Naquela praia ensolarada,  
E a tua pele bronzeada,  
Eu começava a contemplar.

Mas é que o vento buliçoso balançava teus cabelos,  
E eu ficava com ciúme do perfume ele tirar.  
Mas quando o banzeiro quebrava,  
Teu lindo rosto molhava,  
E a gente se rolava na areia do mar.

Outras músicas de Donato Alves são: Sorriso alegre (1983), Boi gostoso (1988), Cinco letras (1996) e Uma noite contigo (1997).

### **SORRISO ALEGRE**

Ceguei morena para lhe visitar  
Nessa hora tão bela  
Faça favor de vim olhar meu boi balancear  
Esse vento leve que balanço teus cabelos, bate em meu rosto  
Vem trazendo um bom perfume, como eu sinto prazer em respirar

Com esse teu sorriso alegre  
Entre aqui no cordão - bis  
Moreninha me ajuda  
A festejar meu São João.

### **BOI GOSTOSO**

Em Axixá  
Tem um novinho que é bem famoso  
Ele é malandro é carinhoso  
E também gosta muito de dançar  
Quando ele dança  
O couro dele todo brilha  
Veja só que maravilha  
Agente trouxe para apresentar  
E vai botar essa galera  
Pra cantar pra balançar  
Vai deixar todos alegres

Com muita emoção, vendo ele brincar

Este sim é um boi gostoso  
 Tem gosto de doce, de leite e maçã  
 E este povo, está acostumado - bis  
 Ficam nesse balançado  
 Até alta manhã

### **CINCO LETRAS**

Como eu adoro tanto  
 A linda terra onde nasci  
 Minha maior alegria  
 É quando volto para te rever  
 Essas cinco letras  
 Que agente ler de qualquer jeito  
 Marcam tanto meu peito  
 Meu querido axixá  
 Eu não posso te esquecer

Tu para mim  
 És igual o raio da lua  
 Formando as paisagens  
 Das lindas noites de verão  
 O teu retrato - bis  
 Em minha mente está sempre gravado  
 É porque sou teu namorado  
 E por isso eu te dei o meu coração

### **UMA NOITE CONTIGO**

Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Vem meu amor, vamos brincar  
 Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Dança comigo, não me faz chorar

Queria beijar o teu rosto  
 E sentir o gosto que tem teu suor  
 Queria cheirar teus cabelos  
 E sentir o cheiro que tem teu shampoo  
 Queimado pelo sol  
 Passar uma noite contigo  
 Brincando Bumba-boi  
 É o que eu sempre quis  
 Também fico pensando  
 Você numa cama  
 Como não é feliz o homem que você ama  
 Se fosse eu, seria o mais feliz.

Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Vem meu amor, vamos brincar  
 Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Dança comigo, não me faz chorar

### Infelizmente

Essas coisas boas nunca me acontecem  
 Meu coração coitado é quem padece  
 Só porque minha cabeça não sabe pensar  
 Como eu sou forte  
 Não vou ficar vivendo só de ilusão  
 Para espantar a triste solidão  
 Fico cantando e dançando com o boi de axixá

Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Vem meu amor, vamos brincar  
 Vem meu amor, ê, ô, ê, ô, ê, ô, ê, ô  
 Dança comigo, não me faz chorar

A música Raiz do Maranhão também é popular entre os axixaenses, uma composição do cantador Inaldo Bartolomeu, de 1992.

Garoto meu boi tá dançando  
 As estrelas brilhando  
 Eu já levantei o meu maracá,  
 Garoto meu boi é pesado, é considerado,  
 Não é qualquer boizinho  
 Este é boi de Axixá

Dança meu boi  
 Pro meu povo que sonha com a felicidade  
 Mais acorda sempre com a realidade  
 De um difícil viver e que nem pode sonhar

Dança meu boi  
 Pro menino de rua, e pro índio criança  
 Que vivem a cada dia a desesperança  
 De um destino que talvez, também seja dançar

Dança meu boi  
 Me mostra na força do teu batalhão  
 Que tu és a raiz do nosso Maranhão  
 Pedra que rola solta só faz te firmar

Dança meu boi  
 Madre Deus e São Pedro veio de te esperar  
 A festa de São Pedro para te abraçar  
 Dança meu boi até o dia raiar.

O Bumba-meu-boi de Axixá, enquadra-se no sotaque de orquestra, proveniente da região de Rosário, depois se estenderam para a região do Munim. Conforme seu fundador Francisco Naiva, este ritmo surgiu quando um grupo de músicos, com instrumentos de sopro, estavam voltando de uma festa, se depararam com um grupo de boi de matraca, e tentaram acompanhar com seus instrumentos, dando certo, no ano seguinte foram introduzidos na brincadeira. Não por pagamento de promessa, como outros grupos, que montavam a brincadeira para agradecer graça alcançada a São João, mas por amor à brincadeira, à cultura popular.

Era composto pelos personagens soldados, caboclos de flecha, índios e campeadores. As mulheres eram proibidas de brincarem, participavam apenas como “mutucas”, auxiliando os brincantes. Depois os índios e soldados saíram, mudaram para vaqueiros, e elas foram inseridas, também como índias, sendo assim até a atualidade.

Por se tratar de ser um dos percussores do Bumba-meu-boi de Orquestra no Maranhão, o Boi de Axixá, segue tradicionalmente o ciclo da manifestação, ensaios, batismo, apresentação e morte. Envolvendo comunidades do município de Axixá e de São Luís, MA.

Entre seus brincantes de São Luís há moradores de diversos bairros, como São Francisco, Vila Embratel, Camboa, São Bernardo, Forquilha, Cidade Operária, Santa Barbara, Tambaú, Estrada de Ribamar etc, e de Axixá, brincantes dos povoados de Centro Grande, Santa Rosa, Santa Maria, Rui Vaz, Iguaperiba, Belém de Axixá, Riachão, Bonfim, Outeiro, etc.

Os ensaios gerais são feitos em Axixá. Mesmo fora da temporada, o grupo não suspende suas atividades, interagindo e levando a cultura maranhense a eventos, como congressos, recepções, festejos cristãos, eventos beneficentes etc.

O Bumba-meu-boi de Axixá, não é apenas um grupo, trata-se de uma família, seus responsáveis preocupam-se com o bem-estar de seus brincantes, acompanhando seu desenvolvimento educacional, provendo suas necessidades com saúde quando preciso.

Como é considerado um dos principais representantes da cultura popular, o Bumba-meu-boi de Axixá, não se apresenta somente para contratantes com poder aquisitivo alto, apresenta-se sem cobrar em diversos arraiais, igrejas e comunidades carentes, afim de promover o acesso e contato de pessoas menos favorecidas à cultura popular, visto que seus brincantes, desde sua fundação, também são pessoas simples que amam esta dança dramática.

Outro destaque dos folgedos juninos de Axixá é o boi de orquestra Mocidade Axixaense tendo à frente o experiente cantador Manoel Desterro Castro (Manequinho).



**FIGURA 14.** Boi Mocidade Axixaense

Manequinho é autor de algumas das músicas mais famosas do cancioneiro maranhense, como “Te amo sim”, cujos versos são os seguintes:

Eu juro que não vou te esquecer,  
 Você é o grande amor da minha vida,  
 Quero sempre esta perto de você  
 querida,  
 Não me deixa sozinho, vem me da  
 carinho que é muito melhor,  
 Hoje estou cantando sinto a sua falta  
 não me deixa só.  
 Te amo sim te amo sim, chega pra  
 perto de mim, te amo sim te amo sim,  
 você é a rosa do meu jardim.  
 Olho pro alto e vejo as estrelas  
 brilhando,  
 Cada dia que passa meu coração ama  
 muito mais,  
 Cantando boi é que eu digo algumas  
 palavras que me trazem emoção,  
 Volta depressa querida vem cantar  
 comigo este lindo refrão,  
 Te amo sim te amo sim, chega pra  
 perto de mim, te amo sim te amo sim,  
 você é a rosa do meu jardim.

Outra também muito cantada é “Brincando amei”. A letra diz assim: “Brincando amei e também já fui amado, do meu passado eu não quero mais lembrar, olho os outros vejo feliz e animados, ai ai! Meu Deus mas eu não sei porque será que a minha vida dá um romance triste e comprido, já chega Jesus não aguento mais penar”.

Além desses, a quadrilha, dança portuguesa, Lelê ou péla-porco, dança do coco, berimbau, mangaba, tambor de crioula, tambor de mina, festa do Divino, entre outros, fazem a alegria dos axixaenses.

A dança do Lelê ou péla-porco é uma espécie de quadrilha sertaneja, cujos passos são bem mais difíceis que o bailado convencional. Ambas as manifestações tem suas origens nas danças francesas de salão que fizeram grande sucesso em meados do século XIX. A diferença é que a quadrilha, nos tempos atuais, mudou de espaço e hoje é uma atração tradicional nos arraiais durante o período junino. À dança do Lelê resta apenas um lugar reservado nos terreiros em povoados de cidades da região do Munim, como Rosário, Axixá, Presidente Juscelino e Morros. Mas assim como a quadrilha, o Lelê é uma dança de pares que segue uma coreografia onde os integrantes fazem evoluções e sempre voltam aos pares de origem.

Diferentemente das brincadeiras de bumba-meu-boi e tambor de crioula, não existe nenhum dado preciso sobre a quantidade de grupos da dança do Lelê existentes no Maranhão. Uma das poucas certezas é que a brincadeira não aguarda festejo: pode ser dançada em qualquer época do ano. A dança do Lelê também é conhecida nos arredores do Munim, como a dança do Péla ou Péla-porco. O Lelê recebeu esse nome porque, sempre na véspera da festa, as pessoas se reuniam para apurar as criações e pelar o porco para comer no dia seguinte. Na dança do Lelê não se destaca nenhuma hierarquia entre os participantes, uma vez que todos executam o mesmo passo. Além disso, o folguedo não costuma ser ensaiado.

A dança do coco é também apresentada em duas filas, sob o som de um berimbau e outros instrumentos tocados na capoeira, com versos cantados de repente que acabam sempre rimando.

Já a berimbau é apresentada ao som de uma orquestra, satirizando a superioridade feminina sobre a masculina. Nessa dança, se misturam pessoas de ambos os sexos ao som do principal refrão da dança.

Quanto ao tambor de crioula - um culto de origem africana mantido até hoje, em Axixá, essa atração é tradição nos povoados de Centro Grande e Belém. É comum nos dias dessa festa se

carregar São Benedito – santo que representa o negro na Igreja Católica, padroeiro do povoado de Ruy Vaz, em uma pequena procissão até a localidade onde acontecerá a festa. Todas as homenagens, danças e cantos são dedicadas ao glorioso São Benedito.

Já tambor de mina, também de origem africana, mistura magia e candomblé. No município, essa festa é mantida como tradição no povoado de Ruy Vaz.

Tem ainda a festa do Divino, que acontece no povoado de Ruy Vaz. Um mês antes da realização dessa festa as caixeiras – mulheres que batem em caixas, cantando e dançando, pedindo esmola – saem visitando povoados e municípios vizinhos, pedindo ajuda, com o Divino Espírito Santo sendo carregado dentro de uma coroa. A ajuda ao Divino não poderá ser negada, do contrário poderá ser castigado quem o fizer. Essa oferta pode ser em gênero alimentício ou qualquer quantia em dinheiro. No dia da festa, é comum fazer grande quantidade de comida com gêneros que foram arrecadados, para serem distribuídos entre a população que prestigiar a festa.

A rica cultura local é percebida também através da jornada de São Gonçalo, uma tradição durante os novenários dos festejos celebrados no município. Apresenta-se em duas filas: uma de homem, outra de mulher, localizando-se no meio delas o marcador, que puxa as músicas repentinamente, de acordo com o acontecimento do momento. Todas elas são dirigidas ao senhor São Gonçalo, que em dias de jornada é o primeiro a chegar e o último a sair. O mesmo é posto em um altar improvisado, onde todos os casais dirigem-se para fazer continências e coreografias dedicadas a ele.

Boa noite São Gonçalo  
 Estou aqui aos seus pés  
 Vim marcar sua jornada  
 Porque eu sei quem És  
 A hora está chegada  
 Aproveitem a boca da noite  
 Pois logo é madrugada.  
 Fileiras estão formadas  
 Quem quiser, passe por dentro  
 Depois não vá dizendo  
 Que você não dançou bem.  
 Vamos, vamos companheiros  
 Onde São Gonçalo está,  
 Recostado na parede  
 Dentro do seu rico altar  
 O sereno vem caindo  
 As horas já vão chegar  
 Mas mesmo assim esta festa

Tem que continuar  
Meu querido São Gonçalo  
Vim marcar sua jornada  
Até o dia raiar,  
Aceita esta homenagem  
Do povo de Axixá.

## 4.2 Lendas

Em todos os países do mundo há lendas, costumes, superstições, tudo unido à tradição popular, fazendo parte da alma e da essência de um povo.

No município de Axixá, a lenda mais popularizada é a Lenda do Tanque. Conta-se que, em tempos atrás, morava no sítio “Tanque”, uma jovem muito bonita chamada Maria que foi deixada, sem nenhuma explicação pelo namorado e vivia a remoer sua tristeza e dor junto à cachoeira. Numa tarde, de uma embarcação, um homem lhe falou que seu namorado havia se casado. Maria, desesperada, atirou-se à cachoeira e desapareceu. O seu corpo foi procurado durante três dias e ninguém o encontrou, fazendo com que todos acreditassem em encantamento.

Tempos depois, nesse mesmo sítio, participando de um baile, o Sr. Juca, ex-prefeito de Axixá, avistou uma linda e desconhecida senhorita, a qual convidou para dançar. No meio da dança, quando se achegou mais a ela, sentiu uma imensa frieza que lhe transpassou todo o corpo e um odor mortificante que emanava da jovem, sufocando-o. Quando a orquestra parou, ela simplesmente havia sumido.

Contam os moradores que, no mesmo local do rio onde a moça havia desaparecido, começaram a acontecer coisas estranhas como visões e naufrágios, o que levou os moradores a erguerem uma cruz, com a imagem de Jesus Cristo sobre a pedra da qual a moça havia se jogado. A cruz permanece até hoje.



**FIGURA 15.** A lendária Pedra do Tanque

Outra lenda popular entre os axixaenses é a Lenda da Lagoa Grande. Conta-se que certa vez um homem teve um sonho e neste sonho uma visão lhe dizia que fosse à meia noite na Lagoa Grande, pois a encontraria seca e no centro da mesma, saindo da terra, uma grossa corrente a qual deveria puxar um enorme depósito de ferro repleto de ouro e prata. Recomendou que o homem não desse ouvidos aos ruídos que por acaso viesse a ouvir e que se conseguisse encontrar o tesouro tudo seria seu.

Na noite seguinte, exatamente à meia noite, lá estava diante de uma lagoa completamente seca. Isso era assustador, pois ele sabia que a lagoa nunca havia secado antes. Caminhou para o centro da mesma e lá estava a corrente da qual lhe havia falado a tal visão. Pegando a corrente, começou a puxá-lo. Puxou até que uma enorme caixa de ferro começou a fugir. Quando a caixa já estava toda na superfície o homem ouviu um grito ensurdecedor, com o susto e apavorado ele parou para escutá-lo. Em seguida, ouviu latidos de cachorro o que achou muito estranho, pois não havia moradias por perto. Continuou ouvindo, foi quando sentiu uma enorme frieza que subia rapidamente pelo seu corpo. Olhou em volta da lagoa e viu a água brotando por todos os lados. Lembrou-se da visão, retomou a consciência e viu o que estava acontecendo, nadou até a margem e seguiu para casa. Poucos dias depois, o homem morreu.

Também é conhecida na região a lenda do Milagre de Guaxenduba.

Conta-se que no principal e decisivo confronto entre portugueses e franceses, travado a 19 de novembro de 1614, diante do Forte de Santa Maria de Guaxenduba, já se tornara evidente a derrota dos lusitanos, por sua inferioridade numérica em homens, armas e munições.

Apesar de lutarem com bravura, iam-se arrefecendo os ânimos dos soldados de Jerônimo de Albuquerque e eis que surge entre eles uma formosa mulher envolta em auréola resplandecente. Ao contato de suas mãos milagrosas, transformam-se a areia em pólvora e os seixos em projéteis. Revigorados moralmente e providos das munições que lhes estavam faltando, os portugueses impõem severa derrota aos invasores, a cujos sobreviventes só restou o recurso da rendição. (MORAES, p.141)

É popular ainda a lenda Encantos do Munim. “Narram, a respeito do rio Munim, que existem muitas aparições de encantados, quando se ouve conversas, assobios, pisadas, sombras, sem que tenha gente por perto.” (REIS, 2008, p.75).

### **4.3 Culinária**

As comidas típicas do município são bem variadas, destacando-se o peixe pititinga, a torta de mariscos (caranguejo, siri, sururu e camarão), galinha caipira e pato ao molho pardo, juçara com peixe assado/tainha ou camarão seco, sururu ao leite de coco, acompanhado de legumes, caranguejada, beiju de tapioca, pamonha, canjica.

Destacam-se ainda os sucos, doces e compotas com frutas regionais como o caju, jaca, coco. No município, estes tipos de doces são fabricados inteiramente de forma caseira para consumo de algumas famílias. Quanto às bebidas, as mais apreciadas são a cachaça e licores.

### **4.4 Artesanato**

O artesanato axixaense é muito diversificado, existindo objetos confeccionados de palmeira do babaçu, talos de guarimã, talos e palhas do olho da palmeira de tucum, castanha de andiroba e casca de sururu, como cofos, meaçabas, abanos, tipitis, peneiras, balaios, baús, rede, remo, flores, arranjos e principalmente os bordados em canutilhos e miçangas, que dão forma, cor, beleza e brilho na coberta do bumba meu boi e no vestuário dos brincantes, verdadeiras obras de arte, produzidas a partir de matéria-prima natural da região.

A produção artesanal de maior valor são os bordados em canutilhos e miçangas que dão cor beleza e brilho na coberta couro do bumba meu boi e no vestuário dos brincantes todos produzidos no próprio município. O artista de maior destaque nessa atividade foi o senhor Filogoneo Almeida Pinto, o seu Filó como alguns o chamam carinhosamente.

Bordadeiro de profissão, nasceu no dia 15 de dezembro de 1930, na cidade de Axixá. Trabalhava duro com o pai todos os dias tirando fio de palha para cobrir casas. Quando rapaz passou a fazer adobe. Aos 16 anos casou-se. Aos 23 anos, foi convidado pelo senhor Eminegideo, morador e dono de um bumba-meu-boi no lugarejo Uma dos Moraes para fazer a capoeira de um boi. Mesmo sem experiência aceitou o trabalho. Após ter confeccionado a capoeira do boi, seu Filogoneo teve que pintar o boi. Naquela época, o boi custou 15 mil cruzeiros. Pintou para o senhor Eminegideo durante sete anos.

Seu Filogoneo lembra que o primeiro boi que pintou para o Sr. Francisco Naiva (presidente do boi de Axixá) tinha o desenho do Porto do Itaqui e uma mulher quebrando coco. Trabalhou para o Sr. Naiva durante 39 anos. Hoje não trabalha mais porque não enxerga. Seus trabalhos podem ser admirados em vários grupos de bumba-meu-boi nas localidades de Axixá, Cachoeira Grande, Presidente Juscelino, Boa Vista dos Pinhos, Nina Rodrigues, Miranda do Norte, Vargem Grande, Santa Rita, Rosário, Icatu, São Luís, Vitória do Mearim e São José de Ribamar.

Para confeccionar a capoeira do boi o senhor Filogoneo plana as peças. A madeira utilizada é a da andirobeira. As costelas são feitas de varas de jeniparana. Da paparaúba é feita a cabeça do boi. A cabeça do boi é esculpida e fica pronta em quatro dias. Com dois dias arma-se a capoeira, cobre-se com o buriti seco, estira-se o saco de estopa, e só assim, o veludo é talhado e esticado para receber o desenho. A capoeira do boi tem o tamanho diferente de acordo com o sotaque. Os bois do sotaque de orquestra tem a capoeira maior. Os desenhos são escolhidos pelo contratante e só em alguns casos é que seu Filogoneo tira os desenhos. O material utilizado para pintar o boi é o canutilho e a miçanga. A barra do boi leva em média 3 metros de tecido.

#### **4.5 Festas religiosas**

As festas religiosas acontecem o ano inteiro. Mas, certamente, o ponto alto acontece na última semana de novembro com o festejo de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade.



**FIGURA 16.** A igreja matriz Nossa Senhora da Saúde

Além deste, há o festejo de Santo Antonio, comemorado em junho, nos povoados de Belém, Boa Vista, Bom fim e Perijuçara; e ainda no mesmo mês, a festa de São João, no povoado de Riachão; bem como a festa de São Pedro, no povoado de Ruy-Vás; e a 26 de julho, acontece a festa de Sant`Ana (Veneza).

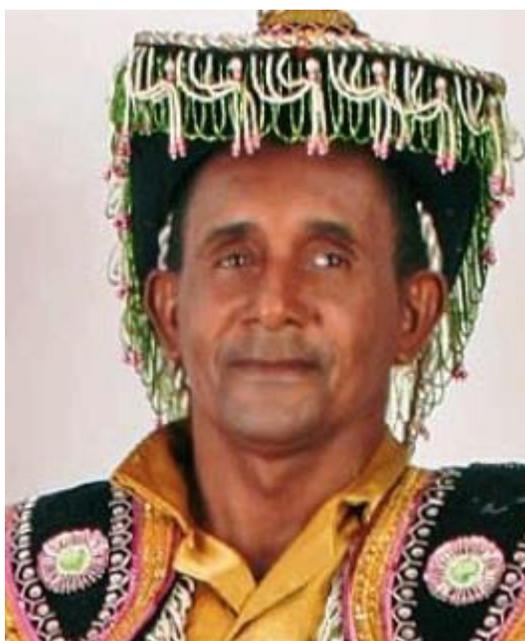
Por fim, em agosto e dezembro, as festas de São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, Santa Rosa de Lima, São José, Santa Maria e Santa Luzia, nos povoados de Burgos, Centro Grande, Ruy-Vás e Santa Rosa, respectivamente.

Além de cantar e dançar, o povo axixaense tem sua fé depositada em Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade. Foi trazida de Portugal no final do século XIX por motivo da fundação da vila. Construíram uma igreja, na qual colocaram a imagem daquela que se constitui padroeira até hoje. A celebração do festejo é na última semana de novembro com muita festa.

#### **4.6 Manifestações artísticas**

O município é rico em manifestações artísticas e culturais, entre elas tem destaque o teatro amador que se tornou tradição. As peças mais famosas são Paixão e morte de Cristo, Independência do Brasil.

A música também é muito importante usada em manifestações folclóricas como o bumba meu boi com destaque para os cantores da terra como Manequinho, Antônio Batista, Milton Pereira, Antônio Pestana, José Carlos e outros.



**FIGURA 17.** O cantor e compositor axixaense Manequinho

Nas artes plásticas, destacam-se os ilustres filhos da região: Aldeide de Jesus e Domingos Lima, com várias obras já apresentadas e vendidas.

No campo da literatura, destacam-se Belarmino de Matos e Adelino Fontoura Chaves. Este nasceu a 30 de março de 1855, quando Axixá ainda era a pequena vila, falecendo em Lisboa em 1884. Era poeta e durante muito tempo militou na imprensa carioca, colaborando nos jornais Folha Nova, Gazetinha, O Combate e Gazeta da Tarde, sendo depois em Paris correspondente deste vespertino. Foi patrono da 1º cadeira da Academia Brasileira de Letras e da 38º cadeira da Academia Maranhense de Letras. Aquele nasceu a 24 de maio de 1830 quando Axixá ainda não se constituía município independente. Faleceu em São Luís a 27 de fevereiro de 1870. Foi jornalista e editor. Em 1857, fundou a Associação Tipográfica Maranhense. Foi cognominado, por Henriques Leal, o Didot maranhense.

## 5 CONCLUSÃO

Este estudo levou-nos a resgatar alguns aspectos históricos, físicos, demográficos, econômicos, sociais, culturais e político-administrativos do município de Axixá.

A origem da cidade, no início do século XVII, foi marcada por anexações e desmembramentos junto ao município de Icatu, o que representou um retrocesso no processo de emancipação política do mesmo.

Durante esses anos, observou-se a falta de uma política socioeconômica, voltada para atender os interesses da maioria da população. É necessário que haja algum incentivo aos trabalhadores rurais que continuem desenvolvendo uma agricultura de subsistência, não permitindo um avanço nesse setor.

Houve algumas transformações sociais como saúde, educação e comunicação, não sendo, entretanto, suficiente para alterar o quadro econômico, visto que a maioria da população axixaense não possui uma renda fixa e para muitas famílias a única fonte de renda são os Programas Sociais do Governo Federal, como Bolsa Família, etc.

As belezas naturais, com abundância de água e clima agradável contrastam uma realidade de exclusão que vem abortando futuras dignidades possíveis para sua população. O desemprego, a falta de oportunidade econômicas e sociais apresentam-se como barreiras para o desenvolvimento do município.

As possibilidades de desenvolvimento existem – por exemplo, a Cultura e o Turismo, entre outros, apresentam-se como novas potencialidades de bons negócios para a cidade, contudo precisam de iniciativas dos governantes no sentido de desenvolver ações e repensar as políticas públicas que venham de fato contribuir para o fortalecimento da cidadania do povo axixaense e melhorar seus indicadores sociais e a qualidade de vida da população.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Terezinha de Jesus. **História e vida de Axixá**. São Luís: Gráfica Trycasil, 1982.

CAMPOS, Humberto de. **Poesias completas (1904-1931)**. Rio de Janeiro: Jackson, 1961.

COLEÇÃO DE LEIS E DECRETOS DO ESTADO DO MARANHÃO. Lei 758 de 17 de abril de 1917.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 75 de 22 de abril de 1931.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 844 de 12 de junho de 1935.

D'ABBEVILLE, Claude. **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão**. São Paulo: 1874.

FERRO, Wilson Pires. **Reminiscências da França Equinocial**. IN: NOBERTO, Antonio (org.). *França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário*. São Luís: 2012.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: 1959.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE cidades@**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 fev.2015

JORGE, Miércio de Miranda (org.). **Álbum do Maranhão**. São Luís: 1950.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão**. São Luís: Instituto Geia, 2006.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão**. São Luís: Edições AML, 2008.

MARIZ, Vasco. **Personagens da França Equinocial**. IN: NOBERTO, Antonio (org.). *França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário*. São Luís: 2012.

MEIRELES, Mário Martins. **França Equinocial**. São Luís: 1982.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. São Luís

MORAES, José de (Pe.). **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará**. Rio de Janeiro: IBM Brasil, 1987.

NOBERTO, Antonio (org.). **França Equinocial**: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentário. São Luís: 2012.

OLIVEIRA, Maristella Coelho. **Formação histórica e evolução político-administrativa de Axixá**. São Luís: 2000.

PIANZOLA, Maurice. **Os papagaios amarelos**: Os franceses na conquista do Brasil. São Luís: Alhambra, 1992.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **O abc do bumba-boi do Maranhão**. São Luís: 2005.

REIS, José de Ribamar Sousa dos. **Amostra do populário maranhense**: lendas, crenças e outras histórias da tradição oral. São Luis: 2008.

SILVEIRA, Simão Estácio da. **Relação Sumária das Cousas do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### LEI N° 758 – de 17 de abril de 1917

*Eleva à villa o povoado do Axixá e cria o município deste nome.*

O Doutor Herculano Nina Parga, Governador do Estado do Maranhão faço saber a todos os seus habitantes que o Congresso decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1° - É elevado à Villa o povoado do Axixá e criado o município desse nome com sede na mesma Villa.

Art.2° - O município do Axixá terá por limites os mesmos do actual 2° districto do termo de Icatú.

Art.3° - O Governador do Estado providenciará sobre a instalação do novo município, marcando a data para se proceder às eleições de vereadores intendente e sub-intendente.

Art.4° - Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da seguinte lei pertencerem, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretário do Interior a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em S. Luiz, 17 de abril de 1917, 29° da República.

Herculano Nina Parga.  
Demósthene Macedo.

Publicada na Secretaria do Interior do Estado do Maranhão, 17 de abril de 1917.

Juviliano de Sousa Barreto  
Admar de Toledo Belfort, a fez.

LEI N. 758---de 17 de Abril de 1917

Eleva á villa o povoado do Axixá e cria o municipio deste nome.

O Doutor Herculano Nina Parga, Governador do Estado do Maranhão. Faço saber a todos os seus habitantes que o Congresso decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1.º É elevado á villa o povoado do Axixá e criado o municipio desse nome, com séde na mesma villa.

Art. 2.º O municipio do Axixá terá por limites os mesmos do actual 2.º districto do termo de Icatú.

Art. 3.º O Governador do Estado providenciará sobre a installação do novo municipio, marcando a data para se proceder ás eleições de vereadores, intendente e sub-intendente.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario do Interior a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo do Estado do Maranhão, em S. Luiz, 17 de Abril de 1917, 29.º da Republica

HERCULANO NINA PARGA.

*Demosthenes Macêdo.*

Publicada na Secretaria do Interior do Estado do Maranhão, 17 de abril de 1917.

*Juviano de Souza Barretto.*

Admar de Toledo Belfort, a fez.

## ANEXO B

**DECRETO N° 75 – de 22 de abril de 1931**

**Doutor Herculano Nina Parga, Governador do Estado do Maranhão faço saber a**

**Altera o quadro dos municípios do Estado.**

O Interventor Federal no Estado do Maranhão, no uso das suas atribuições legais, atendendo a que se impõe a necessidade de alterar a atual distribuição dos municípios do Estado, muitos dos quais não tem elementos de vida própria, acontecendo ainda que vários dentre eles resultaram de desmembramento que em nada os benefício, tendo, entretanto, prejudicados aqueles de que eram partes componente,

DECRETA:

Art.1º - Fica dividido o território do Estado em cinquenta e dois (52) municípios, a saber: Alcântara, Anajatuba, Arari, Araioses, Bacabal, Barão de Grajaú, Barra do Corda, Barreirinhas, Brejo, Buriti, Buriti Bravo, Cajapió, Carolina, Caxias, Chapadinha, Codó, Coroatá, Cururupu, Flores, Grajaú, Guimarães, Icatu, Imperatriz, Itapecuru-mirim, Loreto, Mirador, Miritiba, Monção, Nova York, Pastos Bons, Pedreiras, Penalva, Picos, Pinheiro, Porto Franco, Riachão, Rosário, Santa Helena, Santa Quitéria, Santo Antonio de Balsas, São Bento, São Francisco, São José dos Matões, São Luís do Maranhão, São Luís Gonzaga, São Vicente Ferrer, Turi-assú, Tutóia, Vargem Grande, Viana, Vitória do Alto Parnaíba e Vitória do Baixo Mearim.

Parágrafo único – Os limites destes municípios continuam a ser os atuais, até que sejam novamente determinados em decreto especial. O município de Buriti Bravo, ora criado, e cujo território fazia parte do município de Picos, terá os seguintes limites: partindo da boca do Igarapé Tomazia, afluente da margem direita do Itapecuru, vai até as cabeceiras desse igarapé e daí segue uma linha W.E., até encontrar os limites dos municípios parnaibanos, na divisa de águas Itapecuru-Parnaíba. Partindo desse ponto, segue por esses limites até uma linha W.E. que vem do rio corrente, no Itapecuru e vai por ela e pelo corrente, à sua foz, no Itapecuru, pelo qual sobe até a foz do Igarapé Tomazia.

Art.2º - É feita do seguinte modo a incorporação dos municípios suprimidos: fica incorporado ao de Alcântara, o de Bequimão; ao de Brejo, o de Urbano Santos; ao de Codó, o de Monte Alegre; ao de Buriti, o de Currealinho; **ao de Icatu, os de Axixá e Morros**; ao de Monção, o de São Pedro; ao de Nova York, o de Benedito Leite; ao de Picos, o de Passagem Franca; ao de São

Bento, o de Macapá; ao de Barão de Grajaú, o de São João dos Patos; ao de Santa Quitéria, o de São Bernardo; e ao de Turi-assú, o de Carutapera.

Art.3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em S. Luiz, 22 de abril de 1931.

Pe. Astolfo Serra.

Alfredo de Assis Castro.

## ANEXO C

### DECRETO N° 884 – de 12 de junho de 1935

*Restabelece os municípios de Axixá e Morros e os termos judiciários destes nomes.*

O Interventor Federal no Estado do Maranhão, no uso das atribuições que lhe permite a legislação em vigor, tendo em vista as razões expedidas nos decretos n° 832 e 841 respectivamente, de 03 e 11 de junho corrente, e considerando que os atuais distritos municipais de Axixá e Morros, bem como as circunscrições destes nomes, estão, sob todos e quaisquer ponto de vista, em igualdade de condições aos restabelecidos pelos citados decretos, e baseado no parecer n° 103, de 29 de maio último, do Conselho Consultivo do Estado,

DECRETA:

Art.1° - Ficam restabelecidos os municípios de Axixá e Morros, extintos pelo decreto n° 75, de 22 de abril de 1931.

Parágrafo único – Os limites dos municípios ora estabelecidos continuarão a ser os que vigoravam anteriormente ao citado decreto n° 75.

Art.2° - São também restabelecidos os termos judiciários de Axixá e Morros, pertencentes a Comarca do Rosário, ficando conseqüentemente, extintas as circunscrições daqueles nomes.

Art.3° - As despesas decorrentes deste ato e atinentes ao restabelecimento dos termos a que alude o artigo anterior, correrão pela verba “Poder Judiciário”, consignação 1, do decreto orçamentário em vigor.

Art.4° - O presente decreto entrará em execução no dia imediato ao de sua publicação; revogando as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em S. Luiz, 22 de junho de 1935.

Antonio Martins de Almeida.  
Onesimo Becher de Araujo.

Extraído da cópia fiel da Coleção de Leis e Decretos do Arquivo Público do Estado do Maranhão.